

DOSSIER DE IMPRENSA

COLVMBANO.



DOSSIER DE IMPRENSA



COLVMBANO.

3 Dezembro 2010 – 27 Março 2011

Apresentação à imprensa: 2 Dezembro. Quinta-feira. 12.00 h

Inauguração: 2 Dezembro Quinta-feira. 19.00 h

Pisos 2, 2 A

Columbano Bordalo Pinheiro, o maior pintor português do século XIX, é o artista que melhor expressa valores de modernidade, numa situação única na arte nacional. Inicialmente, regista os ambientes burgueses como cronista radical da vida moderna e já na viragem do século, apesar das ambiguidades do seu percurso, é testemunha atenta da sociedade portuguesa, ao longo de três gerações, inventariando os espíritos da intelectualidade nacional e as mais destacadas figuras, por vezes em quadros de uma irrealidade original, desde Antero de Quental a Eça de Queirós e Fialho de Almeida, Bulhão Pato, Batalha Reis, Teixeira Gomes, Raul Brandão, Teixeira de Pascoais.

Os seus retratos analíticos revelam a sua realidade interior, extensível à pintura intimista e a uma inesperada pintura decorativa. A sua aceitação, mediatizada pela imprensa, consolidada por uma elite sociopolítica que se pretende afirmar e apoiada por uma crítica literária eficaz, permite-lhe a consagração como retratista e um privilegiado estatuto artístico que se reflecte na atribuição dos cargos de Direcção do Museu Nacional de Arte Contemporânea e de professor da Escola de Belas-Artes de Lisboa.

Os núcleos da presente exposição exibem 75 peças referentes a estas temáticas, maioritariamente pertencentes ao museu que dirigiu, de 1914 a 1929, e que possui no seu acervo duzentas obras, mas conta com a colaboração de colecções particulares, instituições nacionais e de museus internacionais, Orsay, Pitti e MNBA do Rio de Janeiro que apresentam pinturas da sua autoria nunca expostas em Portugal.

DOSSIER DE IMPRENSA

A produção de Columbano Bordalo Pinheiro deve ser entendida em termos nacionais, como dado aferidor de mudanças socioculturais e políticas, mas também na complexidade das vias desenvolvidas, distinguindo-se o seu envolvimento político com interventoras entidades republicanas que o contratam para a realização de três retratos oficiais dos primeiros Presidentes da República, para além de integrar a comissão que elege a bandeira nacional e definir o seu desenho e esquema cromático.

Maria de Aires Silveira
Comissária

O Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado celebrou em 2007 o centésimo quinquagésimo aniversário do nascimento de Columbano Bordalo Pinheiro, com uma exposição que apresentou ao público uma selecção de 70 obras realizadas entre 1874 e 1900.

A presente exposição encerra as comemorações do Centenário da República em 2010 e inaugura as comemorações do centésimo aniversário do Museu em 2011, apresentando a segunda parte da produção artística do artista, entre 1900 e 1929. São 75 obras organizadas em sete núcleos “Momentos de consagração”, “No centro do retrato”, “A expressão da modernidade”, “A imagem do artista. O auto-retrato”, “O intimismo”, “Pintura decorativa” e “Estudo laboratorial da pintura de Columbano”. Com esta exposição, acompanhada da publicação de um catálogo e de uma BD em torno de *O Grupo do Leão*, importante obra do artista, o museu encerra este ciclo de homenagem a uma figura incontornável da história da arte portuguesa.

DOSSIER DE IMPRENSA

núcleos

Momentos de consagração

No centro do retrato

O intimismo

A expressão da modernidade

A imagem do artista. O auto-retrato

Pintura decorativa

Análises laboratoriais da pintura de Columbano

75 obras

apresentação dos núcleos

Momentos de consagração

Pinturas referenciais como *Concerto de Amadores* e o *Grupo do Leão* pontuam a produção dos anos 80, tal como *Retrato de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro* introduz valores de modernidade, em processos pictóricos sublinhados por uma autonomia de mancha e indefinição de contornos da figura e objectos. Estas obras receberam sempre grande destaque por parte dos críticos. A primeira, inicialmente desvalorizada mas gradualmente elogiada, liga-se a uma pintura de intimismos que o artista retoma a partir de 1900, embora em menores dimensões. A segunda, representa a geração naturalista numa linha de retratista que permanece em toda a sua produção, através de perspectivas estéticas e tratamento de luz diferenciados, entre propostas ousadas e hesitações.

Paris era excessivamente ruidosa para o seu temperamento, confessara, mas em 1884, *Retrato de senhora*, ainda testemunha referências da pintura francesa, sobretudo de Manet. Nos anos 90, inicia uma nova fase, de inspiração velazquiana com a apresentação do *Retrato de Antero de Quental* e de uma galeria de retratos da intelectualidade portuguesa, de grande sucesso mediático que lhe assegura o reconhecimento artístico subsequente.

Em 1900, assume-se como artista consagrado e participa no salão da Exposição Universal de Paris onde obtém medalha de ouro. Refere que apanha “um famoso banho de arte” nesta cidade e detém-se no Louvre. No início de 900, dez anos depois da sua pintura parisiense de modernidade, *Luva cinzenta*, de 81, realiza *A luva branca*, ambos retratos da irmã preferida, Maria Augusta, estabelecendo assim um contraponto que introduz, tanto

DOSSIER DE IMPRENSA

no seu esquema cromático como na análise da figura, uma série de retratos considerados pela crítica como “psicológicos”. M.A.S.

Lista de peças

A Luva Cinzenta

1881

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 56

Estudo para o Concerto de Amadores

c. 1882

grafite sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 985

Estudo para o Concerto de Amadores

c. 1882

grafite sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 984

Concerto de Amadores

1882

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 498

Retrato de Mariano Pina

c. 1882

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 631

Retrato de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

1884

óleo sobre madeira

DOSSIER DE IMPRENSA

MNAC-Museu do Chiado, inv.1004

Retrato de senhora de branco

1884

óleo sobre madeira

Colecção particular

O Grupo do Leão

1885

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1524

Retrato de D. José Pessanha

1885

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 898

Mulher com Luneta

1886

óleo sobre madeira

Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro

Retrato de Antero de Quental

1889

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 108

Retrato de Jaime Batalha Reis

1892

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 324

Retrato do actor Chaby Pinheiro

DOSSIER DE IMPRENSA

1896

grafite sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 765-A

Retrato de Carlos Reis

1897

óleo sobre madeira

Colecção particular

Retrato de Trindade Coelho

1898

grafite sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1328

Retrato do Professor João Barreira

1900

óleo sobre madeira

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

A Luva Branca

1901

óleo sobre madeira

CMC/ Museu Conde Castro Guimarães, Cascais

No centro do retrato

Columbano impõe-se nos meios de uma elite intelectual e política e a sua importância decide-se a partir de uma conveniente relação artística e jornalística, abrangente aos críticos mais significativos, Mariano Pina, Jaime Batalha Reis, Raul Brandão, Abel Botelho, Oliveira Martins, Henrique Lopes de Mendonça, Rafael Bordalo Pinheiro, Alfredo da Cunha, Afonso Lopes Vieira, José de Figueiredo, Emídio da Silva, João de Barros, Alberto de Oliveira, Teixeira de Pascoais, todos eles retratados pelo artista. Elogiam o carácter

DOSSIER DE IMPRENSA

particular da sua arte, o realismo e “psicologismo” dos retratos. Efectuados após inúmeras sessões e poses, reflectem uma subjectividade própria, entendida do interior, através de uma paleta escurecida que valoriza a iluminação do rosto e mãos. A luz, controlada pela disposição dos variados cortinados escuros das janelas do seu atelier, penetra gradualmente nos retratos, segmenta a figura e impõe-se nos fundos como pretexto à fruição de uma pintura em pinceladas soltas.

A originalidade da sua produção enuncia um discurso de modernidade através do retrato de destacadas figuras de oitocentos e da viragem do século, colocadas no centro da sua obra de retratista e projecta Columbano como artista privilegiado e reconhecido. Nenhum outro autor conseguiu atingir esta posição, situada numa convergência artística, literária e política, mas também jornalística e dos meios teatrais, facto que lhe permite marcar, num discurso cronológico, as alterações da sociedade portuguesa e concentrar as atenções na sua pintura. M.A.S

Lista de peças

Estudo para retrato

c. 1900

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. I 186(30)

Retrato de Edvíges da Mota e Silva

1900

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2235

Retrato de Henrique de Vasconcelos

1902

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 604

DOSSIER DE IMPRENSA

Retrato do Conde Arnoso

1902

óleo sobre tela

Colecção particular

Retrato de Mouzinho de Albuquerque

c. 1902

óleo sobre tela

Colecção particular

Retrato de Henrique Vasconcelos

1903

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 604-A

Retrato de Alfredo da Cunha

1904

óleo sobre tela

Colecção particular

Retrato de Emídio da Silva

1904

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv.2234

Retrato do Almirante Nuno Queriol

1905

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2239

Retrato do Actor Vale

1907

óleo sobre tela

DOSSIER DE IMPRENSA

MNAC-Museu do Chiado, inv.1121

D. João da Camâra

1908

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 644

Retrato de José de Figueiredo

1908

óleo sobre tela

Museu Nacional Soares dos Reis, Porto

Retrato de Bulhão Pato

1908

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 633

Retrato de Ernesto Driesel Schroter

1910

óleo sobre tela

Colecção ACL-CCIP, Lisboa

Retrato de Afonso Lopes Vieira

1910

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv.1602

Retrato de Raul Lino

c. 1910

óleo sobre tela

Colecção Diogo Lino Pimentel

Retrato de Alda Lino

DOSSIER DE IMPRENSA

1910

óleo sobre tela

Colecção Martinho Pimentel

Retrato de Ida Bordalo Pinheiro e Virgínia Lopes de Mendonça

1910

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 626

Retrato de Augusto Rosa

1911

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 689

Augusto Rosa num papel do seu reportório

(pedinte)

c. 1911

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 701

Augusto Rosa

c. 1911

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 704

Estudo para "Glória dos Actores Portugueses"

c. 1911

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1171

Augusto Rosa num papel do seu reportório

(D. César de Bazin)

c. 1911

DOSSIER DE IMPRENSA

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 702

Retrato de Alda Bordalo Pinheiro Lopes de Mendonça

1929

óleo sobre tela

Museu Grão Vasco, Viseu

O Intimismo

A excessiva carga mediática e o exigente trabalho de retratista a que Columbano se dedica acentua o gosto por uma representação de cenas de interior como espaços evasivos, distantes de polémicas.

A obscuridade destas pinturas acentua o carácter concêntrico da temática, a partir de uma imaginária zona da casa de família, o *não-lugar*, neutralizado por sombras e por um inventário de referentes concretos. A chávena de chá, o samovar, o prato, os objectos de cobre, constituem pontos de tensão que dissipam a importância de identidade da figura retratada. A apresentação emotiva ou alegórica dos objectos elege uma ambivalência espacial e os frutos, os jarros e as travessas, aproximam-se do espectador como se representassem a essência das coisas, em momentos “insignificantes” que apenas o autor entende.

Mulher e frutos (Femme et fruits), pintura de interior doada pelo autor ao *Musée du Luxembourg*, destaca a natureza-morta e o estatismo da figura, enquanto que *Frutos de Outono* aponta a expressividade do rosto de Emília, sua mulher. Frequentemente representado, suspenso na densidade das sombras, simula um fugitivo movimento sugerido pela ausência do corpo.

Esta estética intimista surge como uma espécie de manifesto a uma modernidade, decorrente de um realismo estrutural, perceptível em toda a sua produção. Columbano combina a coexistência da objectividade com uma subjectividade expressiva, geradora de narrativas específicas, ou seja, o artista cria singulares espaços, resultantes de uma associação entre a sua ideia do real e o fantástico. M.A.S.

DOSSIER DE IMPRENSA

Lista de peças

A Refeição (Five o'clock tea)

1896

óleo sobre madeira

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

A Locandeira

1897

óleo sobre madeira

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

A Chávena de Chá

1898

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 630

Estudos

c. 1898

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. I 186(38)

Auto-retrato e gatos

1898

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1902

Femme et fruits

c.1899

óleo sobre tela

Museu d'Orsay, Paris

Natureza morta com figura

DOSSIER DE IMPRENSA

1899

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 628

Limpendo os metais

1903

óleo sobre madeira

Colecção Millennium BCP, Lisboa

A ceia de velha

1907

óleo sobre madeira

Colecção particular

Frutos de Outono

1907

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 181

Repolho

1911

óleo sobre madeira

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

A mulher do artista

1912

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1185

Pausa

1920

óleo sobre madeira

Colecção particular

DOSSIER DE IMPRENSA

Chaleira de cobre

c. 1920

óleo sobre madeira

Museu de Grão Vasco, Viseu

(Natureza morta com figura de mulher)

c. 1924

óleo sobre tela

Colecção particular

A expressão da modernidade

A partir de 1911, Columbano ultrapassa os limites do realismo, considerando que a aceitação e manifesta reputação de retratista, tal como a sua participação na vida cultural do país proporcionam uma maior liberdade pictórica, tanto na adaptação aos modelos e à sua psicologia, como nos modos de representação. Na sua expressão da modernidade, o salto alongou-se para algo naturalmente espectral, na denúncia ousada de uma sociedade que se espelha em fisionomias lívidas e “tipos incompletos, almas aos pedaços”.

Surgem retratos expressivos e inquiridores, definidos por linhas fisionómicas duras sobre tons gerais neutros, numa representação dramática, próxima das correntes expressionistas que se esboçam nos começos de noventa. O carácter ambíguo das pinturas pontua uma aparente tranquilidade de pose e a expressividade das suas fisionomias, em rostos marcadamente desiludidos ou energicamente perspicazes, num individualismo expressivo que transpõe os limites da realidade e do que se entendia por “verdadeiro”, mas também os da arte nacional.

O estudo das fisionomias, consumidas por uma luz que se impõe num específico protagonismo, serve Columbano na pesquisa de uma realidade interiorizada, através de traços e contracções expressivas, de rostos triangulares, olhos rasgados e linhas rosadas, em pormenores do rosto, numa visão dinâmica do retratado como expressão

DOSSIER DE IMPRENSA

da sua modernidade. M.A.S.

Lista de peças

Retrato de Teixeira de Queirós

1885

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1461

Retrato de Eduardo Brazão

c. 1909

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 641

Retrato de Teixeira Gomes

1911

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 646-A

Retrato de Maria Cristina Bordalo Pinheiro

1912

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 627

Retrato de Luzia Patrício

1916

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2316

Retrato de João de Barros

1917

DOSSIER DE IMPRENSA

óleo sobre tela
Colecção particular

Retrato de Correia de Oliveira
1918

óleo sobre tela
Colecção Particular

Retrato de Teixeira de Pascoais
1927

óleo sobre tela
MNAC-Museu do Chiado, inv. 645

Retrato de Viana da Mota
1928

óleo sobre tela
MNAC-Museu do Chiado, inv. 640

Retrato de Viana de Carvalho e sua filha
1928

óleo sobre tela
Colecção particular

Retrato de Raul Brandão e sua esposa
1928

óleo sobre madeira
MNAC-Museu do Chiado, inv. 651

Retrato de Magalhães de Lima
1928

óleo sobre tela
MNAC-Museu do Chiado, inv. 964

DOSSIER DE IMPRENSA

A imagem do artista. O auto-retrato

Columbano, fixa, em 1885, no retrato colectivo do Grupo do Leão, testemunho cúmplice de camaradagem artística e Manifesto Pictórico do Naturalismo em Portugal, muitos dos seus heróis e protagonistas, além de ele próprio. Aí, Columbano deixa transparecer um certo narcisismo que transmitiu, por volta de 1904, a um novo *Auto-retrato*, visto em *contre-plongée*. O rosto apresenta uma dignidade ativa, lembrada de Van Dyck que transporta em si os signos da situação social do artista, reconhecido entre os seus pares como o mais importante pintor do período.

Do mesmo modo, o *Auto-retrato* (1927) pertencente à colecção da Galeria degli Uffizi/Palazzo Pitti impõe-se pelo seu realismo estrutural e atitude de uma orgulhosa dignidade, correspondente à consciência do seu reconhecido mérito.

Este tempo mental do século XX já não era, porém, o seu. Como tal, o seu universo espectral revelou-se derradeiramente num último e significativo *Auto-retrato* (1929) que deixou inacabado, quando a morte o surpreendeu. Já não houve tempo para lhe acrescentar a figura da mulher, e dele restou uma pose de *Dandi*, numa pintura diluída onde apenas avulta o rosto, presença fantasmática de um tempo que era, então, o da Ditadura Militar, pondo termo aos ideais republicanos que sempre haviam norteado a sua vida. R.A.S.

Lista de peças

Auto-retrato

1904

óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 634

DOSSIER DE IMPRENSA

Auto-Ritrato

1927

óleo sobre tela

Galeria degli Uffizi, Florença

Auto-Retrato inacabado

1929

óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv.1119

Pintura decorativa

Durante o período c.1885–1915, Columbano produziu um vasto conjunto de obras decorativas. Entre outras, as composições alegóricas do Palácio de Belém e da Quinta de Beau Séjour aqui expostas, os retratos da Sala dos Passos Perdidos da Assembleia da República, as composições históricas do Museu Militar e naturezas mortas de grandes dimensões para residências privadas. A pintura decorativa constitui uma parte integral da sua produção artística e, como tal, desafia a percepção dominante de Columbano como pintor de retratos e cenas intimistas. Profundamente atento à renovada importância da pintura decorativa no contexto da cultura europeia, Columbano dedicou-se ao género, experimentando várias soluções formais, temáticas e compositivas. As suas telas decorativas, públicas ou privadas, contribuem para um melhor entendimento do seu processo de trabalho, tal como revelam aspectos da função da pintura na sociedade portuguesa da época e das relações de Columbano com os seus encomendadores. F.V.

Lista de peças

Alegoria da Pintura

c. 1886

óleo sobre tela

Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa

DOSSIER DE IMPRENSA

Horas do dia (noite)

c. 1886

óleo sobre tela

Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa

Horas do dia (manhã)

c. 1886

óleo sobre tela

Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa

Menino com crustáceo e peixe

1887

óleo sobre tela

Colecção particular

Consolatrix Afflictorum

1888

lápiz sobre papel de álbum

MNAC-Museu do Chiado, inv. I 186(2)

Decoração para um tecto

(Teatro D. Maria)

1893

aguarela sobre papel

MNAC- Museu do Chiado, inv. 2113

Estudo para um tecto

c. 1896

lápiz sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1871

Caçador

DOSSIER DE IMPRENSA

1917

óleo sobre tela

Col. particular

Estudo laboratorial da pintura de Columbano

O tempo em que decorre uma intervenção de conservação-restauro é privilegiado para o estudo das obras de arte. É o momento adequado para identificar materiais e analisar técnicas artísticas.

Muito se tem dito e escrito acerca do modo de pintar de Columbano Bordalo Pinheiro. Algumas das suas obras apresentam alterações formais na sua execução. Existe uma forte desconfiança de mudança de cor em determinadas pinturas, através de um “refazer” do quadro, por achar que a anterior fase era muito criticada. Na procura de respostas, foi feita a análise laboratorial em alguns dos seus quadros onde existe essa desconfiança: *Retrato de Rafael Bordalo Pinheiro; Retrato de João Rosa; Cristo Crucificado e Frutos de Outono.*

Tecnicamente, sobressai uma atitude metódica na forma de pintar. Foram identificadas duas camadas de preparação, uma primeira, de cré industrial, e uma segunda, aplicada pelo artista antes de iniciar a pintura. Contrariamente ao que se pensava, detectaram-se em diversas obras alguns apontamentos de desenho subjacente, o que é revelador da premeditação do espaço a pintar. As camadas pictóricas, uma nos fundos e duas ou três nas figuras, são sempre com mistura de branco de chumbo nas carnações e misturas de diversos pigmentos, como os ocres e o negro animal, para os escuros de fundo. Considera-se plausível dizer, neste momento, que, nas alterações, Columbano usou o branco de zinco em substituição do branco de chumbo. Isto quer dizer que, a partir de determinada data, o artista introduziu o branco de zinco na sua paleta de cor.

Confirma-se, com o estudo material efectuado, grande parte do que se tem dito acerca do modo de pintar e “refazer” de Columbano. Foram detectadas pequenas alterações nos quadros, que reflectem a natureza do artista, sensível à crítica na procura do ideal.

M.L.

DOSSIER DE IMPRENSA

Lista de peças

Retrato do actor João Rosa

1890

óleo sobre tela

MNAC-MC, inv. 632

Retrato de Rafael Bordalo Pinheiro

1891

óleo sobre tela

Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa

Cristo crucificado

1901-1926

óleo sobre tela

MNAC-MC, inv. 625

DOSSIER DE IMPRENSA

biografia (1900 – 1929)

1900

Em finais do século XIX Columbano conseguira já grande projecção e prestígio na opinião pública e nos meios intelectuais e políticos, apesar de ter sido preterido no concurso para professor de pintura de História da Academia Real de Belas-Artes, lugar atribuído a Veloso Salgado, em 1897. Dedicase especialmente ao retrato de destacadas individualidades da sociedade portuguesa, sobretudo escritores e políticos. Regressa à prática de um género inicialmente apresentado, ainda em 74, a natureza-morta e cenas de intimismo (*A chávena de chá*, 1898).

Em 1900, a Casa Leitão e Irmão expõe a *Baixela Barahona* (desenhada por Columbano).

Participa na *Exposition Internationalle de Paris*, onde apresenta *Santo António*, *A chávena de chá*, *As maçãs*, os retratos de João Rosa, Taborda, Eça de Queirós, Conde de Arnoso, João Barreira, Trindade Coelho e Henrique de Vasconcelos. É premiado com medalha de ouro e posteriormente, o Governo francês concede-lhe a Legião de Honra, ao mesmo tempo que a imprensa periódica francesa elogia a sua pintura e a expressão dos seus retratos. No Outono, desloca-se a Paris, acompanhado pela irmã Maria Augusta Bordalo Pinheiro e confessa ter “apanhado um belo banho de arte”.

Grande parte das obras perde-se na viagem de regresso da exposição, no naufrágio do navio Santo André. Columbano lamenta o desaparecimento dos retratos de Taborda, de Eça de Queirós, de Trindade Coelho e do Conde de Arnoso, que repete pouco depois.

1901

Expõe em Dresden o retrato de João Rosa e em São Petersburgo *A Chávena de Chá* e *As Maçãs*. Apresenta também *La femme au gand* e *Fruits d'automne* no certame da International Society de Londres.

Integra o júri de admissão da primeira exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes (15 de Maio) e expõe um desenho (*Cabeça*).

Continua a dedicar-se à Pintura Decorativa e aceita nova encomenda do Museu Militar que o encarrega de efectuar dez quadros inspirados nos Lusíadas como decoração de duas das suas salas.

Os seus amigos Dr. João Barreira e D. José Pessanha concluem o projecto de reforma da Academia de Belas-Artes. A cadeira de pintura histórica é desdobrada em duas partes, e, por decisão ministerial, Columbano é nomeado professor da cadeira de Pintura Decorativa, por intervenção do conde de Arnoso.

DOSSIER DE IMPRENSA

1902

Apresenta *La femme au gand* e *Fruits d'automne* na exposição do Royal Glasgow Institute.

É um dos directores da Sociedade Nacional de Belas-Artes, entusiasmando-se com a realização de alguns projectos, desde uma galeria de auto-retratos dos directores, até à idealização de uma exposição de artes aplicadas. A única ideia que parece ter êxito é a de serem administradas aulas de arte, na Sociedade, com a colaboração de Manuel Gustavo, Maria Augusta e Vasco Lopes de Mendonça. Segundo o próprio artista: «As aulas têm tido uma enchente nunca vista nem esperada». Participa na exposição anual da Sociedade Nacional de Belas-Artes com as obras *Santo António*, *Frutos de Outono*, *A Locandeira*, *A Máscara*, e os retratos de Eça de Queirós, Henrique de Vasconcelos, João Burnay e Raul Brandão. Premiado com uma medalha de honra, o artista é homenageado com um banquete promovido pela Sociedade.

1903

Faz parte do júri de admissão da Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Expõe *A Pelica*, os retratos do Conde de Arnos e Trindade Coelho. O colega e amigo J. Singer Sargent, companheiro em Paris, nos anos de 81 a 83, visita o seu atelier, em Lisboa.

1904

Realiza uma grande exposição individual nas salas do *Diário de Notícias*, por iniciativa do jornal dirigido por Alfredo Cunha, também retratado por Columbano neste ano. Apresenta um grande número de obras, cerca de uma centena, entre as quais se destacam a *Luva Cinzenta*, *Atelier de Silva Porto*, *A Chávena de Chá*, *Frutos de Outono*, *Santo António*, *Inês de Castro* e *Velho do Restelo*. Os retratos são numerosos, Mariano Pina, Bulhão Pato, Antero de Quental, Oliveira Martins, Rafael Bordalo Pinheiro, Fialho de Almeida, Batalha Reis, Raul Brandão, Carlos Reis, Abel Botelho, Eça de Queirós, Henrique de Vasconcelos, Conde de Arnos e um auto-retrato.

Os colecionadores de obras de Columbano decidem fazer um jantar em sua homenagem, presidido por Ramalho Ortigão, e a imprensa periódica garante o sucesso da exposição com elogiosos artigos. A sua projecção adquire agora maior dimensão, reconhecida oficialmente, através da condecoração da Ordem de Santiago e Espada, por mérito artístico, por decreto de 4 de Fevereiro do Ministro do Reino. Expõe também na Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde apresenta *O Velho do Restelo* e *Inês de Castro*, os retratos de Alfredo da Cunha, de Luciano Lallemand e um auto-retrato, bem como pinturas de

DOSSIER DE IMPRENSA

género e naturezas mortas, nomeadamente a *Flora*, *A Limonada*, *A Ceifeira*, *O Bandolim*, *Reflexos*, *Recordações*, *A Raposa* e *Tigela do Caldo*.

Apresenta-se na Exposição Internacional de St. Louis, Califórnia, com *Natureza Morta* e *A Chávena de Chá*, tendo recebido o Grand Prix. Um americano pretendeu comprar *A Chávena de Chá*, mas a proposta foi recusada pelo artista. Nunca vendeu este quadro e mantinha-o no seu atelier como peça significativa de uma via ligada ao intimismo, muito explorada pelo artista nestes anos.

1905

Morrem dois irmãos: Rafael Bordalo Pinheiro (Janeiro) e Feliciano Bordalo Pinheiro (Abril).

Por encomenda de António Monteiro, dono da Cervejaria Leão de Ouro, colabora na decoração da nova sala reservada a restaurante, onde participara anos antes, em 1885, com o *Grupo do Leão*, agora com uma *Apoteose aos frutos*. Nestas decorações também se associam Malhoa, João Vaz, António Ramalho, Moura Girão e Ribeiro Cristino.

Colabora na equipa de pintores que trabalharam na decoração da Escola Médica. Esta obra insere-se num conjunto de encomendas feito a vários artistas por ocasião da construção do novo edifício. Na decoração da sala dos actos, da sala da recepção e da escadaria principal participam vários pintores portugueses, Veloso Salgado, Malhoa e João Vaz, Alves Cardoso, António Ramalho e Jorge Colaço. Columbano intervém na Sala do Conselho com quatro painéis que apresentam os retratos dos professores desse estabelecimento de ensino.

1907

Participa na Exposição Internacional de Arte de Barcelona, onde ganha o primeiro prémio com o *Retrato de João Rosa*.

1908

Apresenta-se no primeiro Salão da Sociedade de Belas-Artes do Porto. Participa na Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro, para onde envia o retrato de D. Manuel II e os dos actores João Rosa e Vale, recebendo um Grand Prix.

1910

Expõe em Paris, no Grand Palais dos Champs-Élysées e é muito elogiado pela crítica, apresentando o retrato de Frederico Ribeiro e uma natureza morta. Entusiasmado, aproveita a ocasião para voltar à

DOSSIER DE IMPRENSA

capital francesa e por sugestão de Jaime Batalha Reis, diplomata nesta cidade, é convidado por Mr. Dieulafoy, Director do Musée du Luxembourg, para um jantar com alguns mestres franceses académicos, nomeadamente Besnard, Roll, L'Hermitte, Ferrier e Horace de Callias.

Com a implantação da República, recebe várias incumbências oficiais, sendo nomeado para uma comissão que deveria apresentar ao governo o projecto da bandeira nacional. Essa comissão era composta por Abel Botelho, João Chagas, Armada Ladislau Parreira e José Afonso Pala. Depois de negociar, nomeadamente com Teófilo Braga, chefe do Governo Provisório, só no dia 20 de Novembro fica decidido o modelo da nova bandeira. A consagração é feita no dia 1 de Dezembro, junto do monumento aos Restauradores. Columbano dirige a publicação oficial, *Bandeira Nacional, Modelo aprovado pelo Governo Provisório da República Portuguesa*. O Decreto de 30 de Junho de 1911 oficializa a nova bandeira verde e vermelha.

Realiza-se uma reforma da Escola de Belas-Artes por uma comissão constituída por Veloso Salgado e Columbano, Carlos Reis, Henrique Lopes de Mendonça e Luciano Freire. Columbano propõe a organização de três cursos autónomos com um mesmo programa, projecto aceite e consignado no Decreto de 26 de Maio de 1911.

1911

Em Maio, organiza a sua sétima exposição individual no atelier da Academia de Belas-Artes com quarenta e uma obras. Apresenta vários retratos, os de Mariano Pina, Lopes de Mendonça Batalha Reis, dos actores Vale e Eduardo Brazão, de Virgínia Lopes de Mendonça e Ilda Bordalo Pinheiro, de Afonso Lopes Vieira e de Teixeira Gomes. Figuram igualmente os quadros *Frutos de Outono*, *A Chávena de Chá* e *Cristo Crucificado*.

Expõe novamente no Salon da Sociéte Nationale de Paris e apresenta os retratos de Alda Lino e de Bulhão Pato.

A Junta Liberal encomenda-lhe um retrato de Miguel Bombarda, figura carismática da República, assassinado por um doente ainda em 1910.

Casa com Emília da Costa, a 19 de Setembro, tendo como testemunhas os dois irmãos, Manuel e Tomás, além de um dos seus discípulos. A cerimónia realiza-se de forma simples, numa repartição do Registo Civil, na Rua Ivens. O pintor aluga casa no Largo Stephens, onde permanece até ao final da sua vida.

1912

DOSSIER DE IMPRENSA

Expõe no *Salon* de Paris o *Retrato do actor Augusto Rosa* e durante o mês de Abril, na Exposição Hispano-Portuguesa, no Parque de Madrid, o *Retrato de Bulhão Pato* e o *Retrato de Madame de Raul Lino*.

Volta a Paris, onde permanece quatro meses, entre Julho e Outubro, no Hotel Burgundy. Visita a Bélgica e as galerias de Mallines, Antuérpia, Gand e Bruges, na companhia de Vicente Arnoso, filho do 1º conde de Arnoso, seu amigo, e Sousa Lopes, mas desiste da viagem à Holanda, como tinha projectado.

1913

Expõe na Societé National des Beaux-Arts e realiza uma importante exposição individual em Paris, na Galeria Georges Petit, em preparação desde 1910. A exposição, muito comentada na imprensa, abriu no dia 10 de Junho e fechou no dia 25 desse mês, coexistindo com uma exposição de Gérard Caudrelier. Apreciado o seu mérito artístico pela observação psicológica do retratado, apresenta onze retratos, entre eles os de Batalha Reis, actor Vale, Augusto Rosa, Teixeira Gomes, Alda Lino, Cristina Bordalo Pinheiro e cinco naturezas-mortas (*A chávena de chá*), preocupando-se com uma variedade cromática que agrade aos meios parisienses.

A Sociedade Nacional de Belas-Artes inaugura a sua sede na rua Barata Salgueiro, em simultâneo com a sua exposição que apresenta o *Retrato do Maestro Augusto Machado*, o *Retrato de Manuel Emídio da Silva*, o *Retrato de João Barreira* e duas naturezas-mortas, *O Fruteiro* e *Laranjas*.

1914

Artista reconhecido, recebe o convite para a realização do retrato de Manuel de Arriaga, Galeria dos Presidentes da República no Palácio de Belém.

Novamente indigitado para a direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes, juntamente com Alberto de Sousa, Conceição Silva, António da Costa Metello, Constantino Fernandes, Tertuliano de Lacerda Marques. Durante esta direcção inaugura-se a primeira exposição de aguarela da Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde Columbano expõe o estudo *Cabeça de Mulher*, *Figurinhas de Saxe*, *Inverno* e *Actores – Projecto para decoração*. Participa igualmente no Salão da Sociedade, tendo presidido ao júri de admissão. Apresenta os retratos de Teixeira Gomes, de Teixeira de Queirós, da senhora D. M.J.B.M. (mulher de Jacinto Magalhães), de Bulhão Pato e Frederico Ribeiro, o quadro *Primavera, Bruges (Porte Marechal)* e *Bruges (Canal)*, *A Melancia*, *Couve-flor*, *Frutos de Outono*, *A Velha* e *A Couve*.

A 14 de Agosto, o Conselho de Arte e Arqueologia de Lisboa propõe Columbano para director do Museu Nacional de Arte Contemporânea e a nomeação ministerial de 17 de Dezembro confirma esta proposta, substituindo no cargo o artista Carlos Reis. Empenhado na remodelação do museu, procura

DOSSIER DE IMPRENSA

fazer melhoramentos no espaço, em colaboração com o arquitecto José Luís Monteiro.

1915

Participa na Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, tendo presidido ao júri de admissão.

Expõe o *Retrato de Augusto Rosa, As minhas sobrinhas*, os retratos da senhora D. A.L. (provavelmente Alda Lino) e de Maria Cristina Bordalo Pinheiro, bem como a natureza-morta *O melão*.

Em Julho, participa na Exposição Internacional Panamá-Pacífico, em São Francisco, na Califórnia. Sousa Lopes, vice-presidente do júri de Belas-Artes, lamenta que Columbano não tenha obtido novamente o *Grand Prix* por exclusão dos artistas já premiados.

A sua irmã preferida, Maria Augusta, companheira de viagem desde o início da sua carreira e admiradora da sua obra, artista dedicada à tradicional renda de bilros, com atelier próprio e numeroso prémios em exposições nacionais e internacionais, morre a 22 de Outubro.

1916

Regressa ao Museu do Prado, em Madrid, vinte e seis anos depois da primeira visita onde tinha apreciado a pintura espanhola do século XVII, o que, muito provavelmente, influenciou o escurecimento da sua paleta.

Inaugura o Museu Nacional de Arte Contemporânea, a 4 de Abril, com a presença do Presidente da República, Bernardino Machado e de destacadas individualidades. Provavelmente ocupado nas suas funções de director do museu e nas tarefas de reorganização, inventariação, aquisição de peças e seu registo fotográfico, afasta-se da participação em exposições durante alguns anos.

1917

Realiza o retrato do presidente da República, Teófilo Braga, para o Palácio de Belém, já depois de finalizado o seu mandato.

Elabora um «Projecto de Regulamento do Museu Nacional de Arte Contemporânea», cujo texto foi publicado no *Diário do Governo* a 14 de Março de 1917.

O Musée du Luxembourg solicita a integração de uma obra sua na colecção do museu, como prova de agradecimento do esforço de Portugal na Grande Guerra, eventualmente por sugestão de João Chagas. Columbano recusa a projectada aquisição e oferece a natureza-morta *Mulher e frutos (Femme et Fruits)*.

1918

DOSSIER DE IMPRENSA

Colabora em três exposições, na *Quarta Exposição de Aquarelas da Sociedade Nacional de Belas-Artes*, na *Décima Quinta Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes* e na *Exposição de Arte realizada por um Grupo de Artistas Portugueses na Sociedade Nacional de Belas-Artes*.

1919-1920

Sucedem-se as condecorações que correspondem a um privilegiado estatuto artístico: Grande-oficial da Ordem de Santiago (23 de Dezembro de 1919) e a Grã-Cruz da mesma Ordem (14 de Fevereiro de 1920), medalhas integradas no Espólio Columbano Bordalo Pinheiro, MNAC- Museu do Chiado. Expõe pela oitava vez no *Salon* de Paris, apresentando o retrato de Dinis Bordalo Pinheiro, elogiado pela crítica parisiense.

Recebe a encomenda da decoração da Sala dos Passos Perdidos, em S. Bento. O trabalho, em seis painéis de semelhantes dimensões, com figuras significativas da História de Portugal, deveria ter sido concluído em 1921, mas prolongou-se até 1926, ficando inacabado devido à mudança de regime.

1921

Morte do seu irmão Tomás Bordalo Pinheiro.

O quadro *Concerto de Amadores*, vendido no leilão da colecção do Conde de Ameal, João Maria Correia Aires de Campos, que o comprara em 1892, no leilão das obras pertencentes a D. Fernando II, é adquirido por Eduardo Honório de Lima. Oferecido a Columbano, integra a colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea por doação do artista.

1923-1924

É inaugurada a nova sala de escultura, aquarela, pastel e desenho no Museu Nacional de Arte Contemporânea.

1924

Columbano abandona o lugar de professor da Escola de Belas-Artes por divergências com os alunos e a nova geração de artistas modernistas, apesar de receber uma homenagem dos discípulos e admiradores no ano seguinte.

1925

Entrega de um álbum de homenagem ao Mestre, por Romano Esteves, com setenta autógrafos de

DOSSIER DE IMPRENSA

notáveis escritores, poetas, críticos e artistas portugueses, numa cerimónia realizada no museu, à qual se associou o Governo através do Ministro da Instrução Pública, o Dr. João Camoesas. Na homenagem, prestada a 12 de Agosto, estavam presentes homens das artes e das letras, entre os quais Teixeira Lopes, José de Figueiredo e Reinaldo dos Santos.

Efectua o retrato de Teixeira Gomes para a Galeria da Presidência.

1926

No dia 22 de Outubro é publicado no *Diário da Tarde* a notícia de colocação dos trípticos para os Passos Perdidos do Congresso, excluindo a presença de jornalistas. Por opção do pintor, a assistência limita-se à mulher do artista e aos pintores Luciano Freire e João Vaz.

1927

Recebe a encomenda de um auto-retrato para a colecção da Galeria degli Uffizi, Palácio Pitti, em Florença. Esta encomenda é resultado de um pedido de Eusébio Leão, diplomata português em Roma, junto das instituições italianas de Belas-Artes, por sugestão do seu amigo Emídio da Silva. O quadro é entregue pessoalmente pelo diplomata Henrique Trindade Coelho ao Director da Galeria, o oficial Mello Torchiani.

É fundado o *Grupo Silva Porto* e, na sua primeira exposição, Columbano esteve presente, tal como Malhoa e Teixeira Lopes.

O pintor é criticado pela Direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes pela sua acção como director do Museu de Arte Contemporânea. A Comissão Executiva de Arte e Arqueologia solidariza-se com o artista, considerando a importância de liberdade de actuação, inerente ao cargo, no arranjo e apresentação do Museu.

Perante a lei do Decreto de 2 de Março, que determina a reforma dos cargos públicos aos 70 anos, é obrigado a resignar ao lugar de Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Recomenda o pintor Adriano de Sousa-Lopes, como seu sucessor e a 8 de Abril, passa a director honorário do Museu, sendo feito um pedido ao ministro da Instrução, para que recebesse uma pensão superior àquela que estava definida por lei, considerando a sua situação financeira. O Governo acorda em conceder-lhe uma pensão vitalícia, sendo o decreto publicado no *Diário do Governo* do dia 30 de Abril, data em que o pintor é visitado pelo Ministro da Instrução, Gustavo Cordeiro Ramos.

1928

DOSSIER DE IMPRENSA

Volta a expor na Sociedade Nacional de Belas-Artes, apresentando, entre outras obras, o *Retrato de Teixeira de Pascoais*, o *Retrato de Raul Brandão e a sua esposa*, *As ostras*, *A couve flor* e *Canto de cozinha*.

1929

Apresenta-se, pela última vez, na Exposição Internacional de Barcelona. O jornal *Século* apoia a representação portuguesa na iniciativa da Câmara do Comércio e Indústria Portuguesa de Barcelona. A pedido do jornal, o pintor envia o *Retrato de Viana de Carvalho e de sua filha*. O júri concede-lhe a medalha de ouro. Nesse ano é também nomeado sócio honorário da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Morre no dia 6 de Novembro, em Lisboa. Afonso Lopes Vieira, José de Figueiredo e Sousa-Lopes sugerem ao Ministro da Instrução a realização de funerais nacionais. Recusada a proposta, o pintor é velado na sala central do Museu Nacional de Arte Contemporânea, junto do seu quadro *Cristo Crucificado*, pintado e sujeito a constantes alterações ao longo de cerca de quinze anos.

DOSSIER DE IMPRENSA

ficha técnica da exposição

Comissariado: Maria de Aires Silveira

Textos: Mercês Lorena, Rui Afonso Santos, Maria de Aires Silveira, Foteini Vlachou

Vídeos: Amatar Filmes

Produção: Maria de Aires Silveira

Projecto Expositivo: Manuela Fernandes (IMC)

Conservação e Restauro: Francisca Figueiras, Ana Fryxell, Mercês Lorena (Departamento de Conservação e Restauro IMC)

António Candeias, Ana Mesquita e Carmo, Luís Piorro (Laboratório de Conservação-Restauro José de Figueiredo IMC)

Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)

Centro de Física Atómica da Universidade de Lisboa

Herança Cultural Estudos e Salvaguarda Universidade de Évora (HERCULES)

Coordenação da montagem: Maria de Aires Silveira, Emília Tavares (instalação vídeo /video installation, Susana Sousa Dias/), Adelaide Ginga (Outros Olhares/Other Perspectives, A Ceia, Rui Serra)

Montagem: Diogo Branco, João Carneiro, Liliana Dias, Amélia Godinho, António Rasteiro, Luís Sousa e IterArtis.

Comunicação: Anabela Carvalho

Serviço educativo: Catarina Loureiro de Moura.

Registo: Amélia Godinho

Logística e Apoio Administrativo: Benvinda Silva

Secretariado: Angelina Pessoa, Conceição Cunha

Recepção e Vigilância: Diogo Branco, João Carneiro, António Chaparreiro, Liliana Dias, Maria José Dias, Sofia Khan, Filomena Maurício, Susete Saraiva, Luís Sousa, Vítor Pereira.

Tradução: Kennis Translation Lda.

Design gráfico: Barbara says...com Patrícia Maya

Sinalética: C.E.I.

Transporte: IterArtis

Construção: J.C. Sampaio, Lda.

Seguros: Lusitânia Seguros

agradecimentos

Especial agradecimento à Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e à Leya

Anabela Correia (Leya), Assembleia da República, Associação Comercial de Lisboa – Câmara do Comércio e Indústria Portuguesa (Bruno Martins), Biblioteca Nacional de Portugal (Graça Garcia),

DOSSIER DE IMPRENSA

Cabral Moncada Leilões (Pedro Alvim), Casa dos Patudos, Museu de Alpiarça (Laurinda Paz), Casa Estúdio Carlos Relvas, Câmara Municipal de Lisboa (Francisco Mota Veiga), CML/ Palacete Beau-Séjour, CML/Museu da Cidade, Lisboa (Cristina Leite), CML/Museu Rafael Bordalo Pinheiro (Isabel Aguilar, Pedro Bebian), Câmara Municipal do Porto, Cristina Costa (Leya), Empresa Pública das Águas Livres, Fundação Calouste Gulbenkian (Ana Barata), Galeria Antiksdesign (Maria Amélia Almeida), Galleria degli Uffizi, Palazzo Pitti – Florença, Hamburger Kunsthalle – Hamburg, Hotel da Lapa, Isabel Stewart Gardner Museum – Boston, João Amaral (Leya), José-Augusto França, José Ventura, Mafalda Esturrenho, Margarida Elias, Maria Nobre Franco, Millenium-bcp (Rui Paiva), Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães (José António Proença), Museu da Assembleia da República (Rui Costa, Miguel Sousa Lara, Cátia Mourão, Teresa Parra da Silva), Museu da Cidade, Coimbra, Museu da Guarda, Museu da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Musée de la Chartreuse – Douai, Museu de Grão Vasco (Alcina Silva), Musée d’Orsay – Paris, Museu de José Malhoa (Matilde Tomáz do Couto, Carlos Coutinho), Museu do Abade de Baçal, Museu da Presidência da República (Diogo Gaspar, João Oliveira), Museu Nacional de Arte Antiga (Anísio Franco), Museu Militar, Museu Nacional de Belas-Artes/Ibram/Minc – Rio de Janeiro, Museu Nacional de Soares dos Reis (Ana Paula Machado, Elisa Soares, Maria João Vasconcelos), Nuno Marques, Nuno Mestre (Leya), Palácio do Correio Velho (Luís Castello Lopes), Palácio Nacional da Ajuda (Isabel Silveira Godinho, João Vaz), Paula Lobo, Raquel Henriques da Silva, Sociedade Nacional de Belas-Artes (Cristina Azevedo Tavares), Telo de Morais

DOSSIER DE IMPRENSA

publicações

O protocolo firmado entre o MNAC- Museu do Chiado e a Leya nas áreas de edição, distribuição e comercialização viabilizou já 2 das 3 três publicações aqui apresentadas:

o primeiro volume do catálogo actualizado do Museu, já que a única edição realizada, e há muito esgotada, datava de 1994 e era temporalmente circunscrita a 1950, limite representativo da colecção àquela data;

o catálogo da exposição homónima *Columbano* que agora inaugura, no âmbito da Celebração do Centenário da República.

catálogo Columbano

O catálogo pretende problematizar perspectivas interpretativas sobre a produção de Columbano através da análise da obra do artista, entre o retrato, a pintura intimista, pintura decorativa, para além de distinguir o seu importante papel nos primeiros anos da República, integrando as encomendas decorativas e os retratos dos primeiros presidentes. Este catálogo pretende aprofundar o estudo da sua obra através de uma diversidade de ensaios e textos autorais. Para além da comissária, Maria de Aires Silveira, participam neste projecto Cristina Azevedo Tavares, Dominique Lobstein, Foteini Vlachou, Helena Barranha, José-Augusto França, Margarida Elias, Mercês Lorena, Paula Morão, Rui Afonso Santos e Sandra Leandro. As questões abordadas relacionam-se com as teorias e críticas de arte, as estéticas da geração naturalista e do Grupo do Leão, o universo literário, uma possível ligação com noções de fotografia, o estudo das suas referências internacionais, a importância da sua participação em exposições no estrangeiro e a integração das suas pinturas em acervos de museus franceses, italianos e brasileiros, a análise de algumas das suas pinturas em processos laboratoriais pelo Departamento de Conservação e Restauro do IMC, a sua aproximação à República, à concretização da bandeira nacional e o seu papel na Direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes e Museu Nacional de Arte Contemporânea. Por outro lado, apresenta-se uma biografia do autor e uma antologia crítica baseada na sua correspondência, trocada com destacadas figuras dos meios literários e políticos, e, nas críticas mais significativas relativamente às suas obras.

Maria de Aires Silveira

DOSSIER DE IMPRENSA

Tipo de publicação: Catálogo de exposição homónima

Edição: co-edição Leya/MNAC-Museu do Chiado

Data da edição: Dezembro de 2010

Preço de venda ao público: 45,90€

Data de lançamento: 2 de Dezembro de 2010

CARACTERÍSTICAS

Formato: 190 x 268 mm

N.º total de páginas: 296

N.º de fotografias: 209 imagens

Miolo: GardaPat Kiara 135 gr

Capa: Capa mole em GardaPat Kiara 250 gr impressa a duas cores e estampagem a quente

Língua ou línguas de edição: Português

Tiragem: 1500

ISBN: 978-972-776-417-4 (MNAC– Museu do Chiado)

ISBN: 978-989-660-073-0 (Leya)

Depósito Legal: 318 696/1

INTERVENIENTES

Coordenação científica: Maria de Aires Silveira

Textos e investigação

Helena Barranha, Margarida Elias, José-Augusto

França, Pedro Lapa, Sandra Leandro, Dominique

Lobstein, Mercês Lorena, Paula Morão, Rui Afonso

Santos, Maria de Aires Silveira, Cristina Azevedo

Tavares, Emília Tavares, Foteini Viachou

Documentação: Joana Baião, Margarida Elias, Mafalda Esturrenho,

Maria de Aires Silveira

Responsável do projecto na Leya: Maria Piedade Ferreira

Fotografia: IMC – Divisão de Documentação Fotográfica

Coordenação: Alexandra Encarnação

Fotógrafos: Luísa Oliveira/José Pessoa assistidos por

José Moreira, Tiago Branco, Carlos Monteiro, Luís

Pedro Piorro, Arnaldo Soares, Pedro Sousa

Inventariação: Tânia Olim e José António Moreira

Digitalização e tratamento de imagem: Cláudia Sequeira

Conservação e Restauro:

Departamento de Conservação e Restauro do Instituto

dos Museus e da Conservação: Francisca Figueiras,

Ana Fryxell, Mercês Lorena, Luís Pedro Piorro

Laboratório de Conservação e Restauro José de

Figueiredo (IMC): António Candeias

Centro de Física Atómica da Universidade de Lisboa

Herança Cultural Estudos e Salvaguarda da Universidade

de Évora (Hércules)

Design gráfico: Barbara Says...com Patrícia Maya

Pré-impressão: Leya

Impressão e acabamento: Multitipo Artes Gráficas, Lda

Distribuição: Publicações Dom Quixote

DOSSIER DE IMPRENSA

Arte Portuguesa do Século XIX– 1850–1910 Coleção do MNAC – Museu do Chiado

O novo projecto de catálogo da colecção do MNAC–Museu do Chiado, entusiasticamente acolhido pela Leya, foi estruturado em três volumes e a sua cronologia respeitou as alterações mais radicais ocorridas no âmbito das práticas artísticas durante este século e meio, constituindo um indispensável guia para um conhecimento aprofundado da história da arte nacional de 1850 à actualidade. Este primeiro volume corresponde à segunda metade do século XIX, do advento romântico à ruptura modernista em 1911, período em que a colecção se revela como a mais representativa em Portugal.

Pedro Lapa

Tipo de publicação: Catálogo da Colecção do Museu
Data da edição: Novembro de 2010
Preço de venda ao público: 55 €
Data de lançamento: 2 de Dezembro de 2010

CARACTERÍSTICAS

Formato: 190 x 268 mm
N.º total de páginas: 512
N.º de fotografias: 183 imagens
Miolo: Inset offset, Artic volume white
Capa: Capa forrada a tecido e papel impresso a quadricromia
Língua ou línguas de edição: Português
Tiragem: 3000
Isbn: 978-972-776-409-9
Isbn: 978-989-660-060-0
Depósito legal: 313427/10

INTERVENIENTES

Coordenação científica: Pedro Lapa e Maria de Aires Silveira
Textos e investigação: Maria de Jesús Ávila, Joana Baião, Catarina Duarte, Carlos Gonçalves, Pedro Lapa, Sandra Leandro, Cristina Pieske, Rita Prata, Nuno Saldanha, Rui Afonso Santos, Raquel Henriques da Silva, Maria de Aires Silveira
Documentação:
Carlos Gonçalves
Maria de Aires Silveira
Fotografia: IMC – Divisão de Documentação Fotográfica
Coordenação: Alexandra Encarnação
Fotógrafos: José Pessoa e Luisa Oliveira (assistidos por José Moreira)
Vitor Branco, Paulo Cintra e Laura Castro Caldas, Manuel Palma, Carlos Pombo, José Rúbio, Arnaldo Soares
Inventariação: Tânia Olim
Digitalização e tratamento de imagem: Marta Monteiro, Alexandra Pessoa, Cláudia Sequeira
Revisão: Alberto Júlio Silva
Design gráfico: Barbara Says...com Patrícia Maya
Pré-impressão: Leya
Impressão e acabamento: Eigal
Distribuição: Publicações Dom Quixote

DOSSIER DE IMPRENSA

O Grupo do Leão - Banda Desenhada de Rui Zink e António Jorge Gonçalves

O Inspector Columbano é chamado ao Museu para investigar um misterioso crime: o desaparecimento de três figuras do quadro “O Grupo do Leão”, da autoria do seu homónimo (sem laços familiares). Os pintores desaparecidos são Silva Porto, Malhoa e o próprio irmão do autor do quadro, Rafael Bordalo Pinheiro. As pistas são tão escassas como as hipóteses razoáveis. As explicações mais plausíveis para aquele desaparecimento são, além de plausíveis, fantásticas e absurdas. Até que surge a ameaça de desaparecimento de mais retratados nas próximas 24 horas, se não forem atendidas as condições de resgate.

Sem pistas, o inspector vai ter de as procurar onde pode: na história dos participantes do quadro; e no relato do que, nas décadas seguintes aconteceu ao quadro... Sem excessivos didactismos, esta BD propõe uma viagem pelo quadro... e pelas implicações do quadro. Afinal de contas, de que falamos quando falamos de pintura?

Tipo de publicação: Banda desenhada

Data da edição: Dezembro de 2010

Preço de venda ao público: 16 €

Data de lançamento: 11 de Dezembro de 2010 na FNAC do Chiado

CARACTERÍSTICAS

Formato: Alt. x Larg. 245x335

N.º total de páginas:32

N.º de ilustrações p/b e cores: livro em BD

Miolo e guardas: Papel Couché mate 20 gr

Capa: Cartonada, couché 1 face 135 gr

Língua(s) de edição: português

Tiragem: (global e por versão) 1000 exemplares

ISBN: 978-972-776-420-4

Depósito legal: 320 171-10

INTERVENIENTES

Textos: Rui Zink

Ilustração: António Jorge Gonçalves

Pré-impressão, impressão e acabamento: Norprint, Artes Gráficas, S.A.

Distribuição e Venda: FNAC e MNAC-Museu do Chiado

DOSSIER DE IMPRENSA

FESTIVAL *TEMPS D'IMAGES*

Natureza Morta/Stilleben

Susana de Sousa Dias

Música: António de Sousa Dias

Instalação Vídeo

3 Dezembro 2010 – 16 Janeiro 2011

Apresentação à imprensa: 2 Dezembro. Quinta-feira. 12.00 h

Inauguração: 2 Dezembro. Quinta-feira. 19.00 h

Piso 0

Baseada no filme de 2005 *Natureza Morta – Visages d'une Dictature*, a instalação *Natureza Morta/Stilleben* evoca um tema fundamental na história das artes visuais. A expressão alemã *stilleben* tem origem na palavra neerlandesa *stilleven* que significa vida ou existência imóvel e que, nas línguas latinas, corresponde ao paradoxal conceito de *natureza-morta*. A obra de Susana de Sousa Dias explora, precisamente, a fronteira ambígua entre essas duas realidades antagónicas, pondo em evidência o instante que separa a vida e a morte, a imobilidade e o movimento.

O trabalho resultou de uma extensa investigação sobre os documentos visuais dos 48 anos de ditadura em Portugal, reunindo fotografias de prisioneiros políticos, reportagens de guerra e documentários de propaganda, numa montagem que recupera *rushes* excluídos das versões finais exibidas na época.

Conjugando a fotografia e o filme, a autora reduz a velocidade dos registos originais para aproximar a sequência cinematográfica da imagem parada. Ao suprimir o som dos filmes originais e recusar qualquer forma de narração ou legenda, Susana de Sousa Dias desconstrói e subverte as narrativas oficiais, revelando a contradição e a estranheza por detrás da produção iconográfica do regime.

Tal como as fotografias dos prisioneiros políticos, a peça desdobra-se em três imagens projectadas, formando um tríptico cuja espacialidade se completa com a instalação sonora de António de Sousa Dias. Não menos perturbadora que as imagens, a música surge aqui como possível fio condutor que potencia a reordenação de uma realidade fragmentada e a construção de outras narrativas pelo próprio observador. *Natureza Morta* propõe, assim, uma mudança de escala e de perspectiva, que desvia o

DOSSIER DE IMPRENSA

observador da encenação de uma memória colectiva, para o centrar no território íntimo da individualidade, desfocando os gestos teatrais do poder para observar atenta e prolongadamente os gestos anónimos da sobrevivência quotidiana. Suspenso na lentidão das imagens e nas interpelações musicais, entre o terror e a empatia, o observador assiste a um desfile fantasmagórico de mortos-vivos e vivos-mortos, através de uma nação expectante, condicionada pela repressão e paralisada pelo medo, que nem mesmo a revolução, no final do filme, parece conseguir resgatar plenamente.

Representativa do percurso autoral de Susana de Sousa Dias em torno das memórias do Estado Novo, *Natureza Morta/Stilleben* é, seguramente, uma das suas obras mais poéticas e também mais inquietantes.

Helena Barranha

Sinopse

Sem recorrer a palavras e utilizando apenas materiais de arquivo registados durante os 48 anos da ditadura portuguesa (actualidades, reportagens de guerra, documentários de propaganda, fotografias de prisioneiros políticos, mas também *rushes* nunca utilizados) a instalação procura ir mais longe que o filme que se encontra na sua génese, *Natureza Morta* da autoria de Susana de Sousa Dias com música de António de Sousa Dias. Alguns dos princípios então impossibilitados pelas próprias condicionantes do dispositivo cinematográfico são agora colocados em prática pela instalação, aprofundando questões que se prendem com o espaço, o tempo e a narrativa, mas também explorando outras formas de escrita musical.

Projecção em três ecrãs, dimensões variáveis, preto e branco/cor, som 5.1, 33 minutos

Concepção e realização: Susana de Sousa Dias

Música: António de Sousa Dias

Imagem: Vasco Riobom

Montagem: Susana de Sousa Dias

Mistura de som: João Ganho

DOSSIER DE IMPRENSA

Programação: António de Sousa Dias

Produção: Ansgar Schäfer | Kintop

Meios Técnicos: Kintop, Light Film e O Ganho do Som

Arquivos: Centro de Audiovisuais do Exército, Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, Radiotelevisão Portuguesa

Apoio ao desenvolvimento do projecto: Fundação Calouste Gulbenkian

Apoio à realização do projecto: CICM (Universidade Paris 8 - MSH Paris Nord)

Projecto Financiado pelo MC / DGArtes

DOSSIER DE IMPRENSA

Outros Olhares: obras em destaque na Colecção do MNAC - Museu do Chiado

O projecto *Outros Olhares* pretende promover uma reflexão alargada sobre a colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado e, simultaneamente, proporcionar uma visão panorâmica da produção artística portuguesa, num arco cronológico que se inicia com o Romantismo (1850-1880) e vai até à Contemporaneidade dos anos 2000.

As obras em destaque resultam do convite endereçado a historiadores de arte, curadores e artistas portugueses, pedindo-se a cada personalidade que seleccione uma obra de arte da colecção do Museu representativa de uma década específica.

As exposições rotativas são acompanhadas de um pequeno texto sobre cada obra seleccionada, que constituirá também tema para um debate informal, a ter lugar sempre a dia 18 de cada mês.

No final do ciclo, será exposto todo o conjunto de obras deste programa e publicado um catálogo com as imagens e os textos produzidos pelos diversos autores, ficando como registo e testemunho de uma visão múltipla e abrangente da arte portuguesa, de oitocentos à actualidade.

Comissários: Helena Barranha e Rui Afonso Santos

Em exposição

A Ceia de Rui Serra

Conversa com o artista dia 18 de Janeiro às 13h00

Menino e varina de Mário Eloy

Conversa com Fernando Rosa Dias dia 18 de Dezembro às 13h00

DOSSIER DE IMPRENSA

Edições passadas

Kultur 1962 de Joaquim Rodrigo

Conversa com Fernanda Fragateiro dia 18 de Novembro às 13h00

C19 de Joaquim Rodrigo

Conversa com Ângela Ferreira dia 19 de Outubro às 14h30

Teatro de atelier de Fernando Lemos

Conversa com Delfim Sardo dia 18 de Setembro às 13h00

Sabbat - Dança de Roda de António Pedro

Conversa com David Santos dia 18 de Agosto às 13h00

Homenagem a Amsterdão de Jorge Pinheiro

Conversa com João Pinharanda dia 18 de Julho às 13h00

Chorinho de Cândido Portinari

Conversa com Raquel Henriques da Silva dia 18 de Junho às 13h00

DOSSIER DE IMPRENSA

Landscape de Julião Sarmento

Conversa com Alexandre Melo dia 18 de Maio às 13h00

O Grupo do Leão de Columbano Bordalo Pinheiro

Conversa com José Augusto França dia 18 de Abril às 13h00

DOSSIER DE IMPRENSA

actividades

Exposição dos desenhos originais da publicação em BD O Grupo do Leão

Conversa sobre a construção da história com os autores António Jorge Gonçalves e Rui Zink
6 de Janeiro. 5.ª feira. 18.30h

actividades semanais

visitas guiadas para o público em geral

Maria de Aires Silveira. 14 de Dezembro. 3.ª feira. 18.30 h

Helena Barranha. 11 de Janeiro. 3.ª feira. 18.30 h

Adelaide Ginga. 25 de Janeiro. 3.ª feira. 18.30 h

Emília Tavares. 15 de Fevereiro. 3.ª feira. 18.30 h

Rui Afonso Santos. 15 de Março. 3.ª feira. 18.30 h

Maria de Aires Silveira. 22 de Março. 3.ª feira. 18.30h

acesso gratuito / marcação prévia: 213432148 / mnac-museudochiado@imc-ip.pt

visitas guiadas desenvolvidas num âmbito pedagógico

Ensino básico e secundário: 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª feira. 10.00 -13.00 h

Ensino secundário e universitário: 3.ª e 5.ª feira. 14.00 -17.00 h

Grupos culturais, 3.ª idade e outros: 4.ª e 6.ª feira. 14.00 -17.00 h

marcação prévia: Catarina Moura, tel. 213 432 148. Grupos limitados a 25 pessoas

Columbano. Visita comentada para professores

26 Janeiro 2 Março. 4.ª feira. 16.00 -18.00 h

Inscrição prévia: mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt. Limite de 25 professores

oficinas pedagógicas

Natal no MNAC: atelier com Columbano

21, 22 Dezembro. 3.ª, 4.ª feira. 14.30 -17.30 h

7 aos 12 anos

marcação prévia: tel. 213 432 148 ou mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt.

Limite 14 crianças, mínimo 5

Inscrição: 4 euros

A paleta de Columbano. Oficinas pedagógicas para o 1.º e 2.º ano do ensino básico

2, 9, 16, 23 Fevereiro. 4.ª feira. 10.00-12.30 h

DOSSIER DE IMPRENSA

marcação prévia: Catarina Moura, tel. 213 432 148. Limite de uma turma por oficina

No tempo de Columbano. Atelier para Seniores

19 Janeiro. 16 Março. 4.ª feira. 15.00-17.00 h

marcação prévia: Catarina Moura, tel. 213 432 148. Limite de 14 pessoas

actividades de fim-de-semana

Desenhar Columbano. Atelier dos 7 aos 12 anos (visita guiada para pais às 15.30 h)

15, 22, 29 Janeiro. 5, 12, 19 Março

Sábado. 15.00 – 17.00 h

Inscrição prévia: mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt.

Limite 14 crianças, mínimo 5

Inscrição: 4 euros

Os amadores de Columbano. Atelier dos 13 aos 20 anos

6, 13, 20, 27 Fevereiro. Domingo. 11.00 – 13.00 h

Inscrição prévia: mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt.

Limite 14 jovens, mínimo 5

Inscrição: 4 euros

Conhecer Columbano. Visita guiada para todo o público

8, 15, 22, 29 de Janeiro; 5, 12, 19, 26 de Fevereiro; 5, 12, 19, 26 de Março

Sábado. 15.30 h

9, 16, 23, 30 de Janeiro; 6, 13, 20, 27 de Fevereiro; 6, 13, 20, 27 de Março

Domingo. 12.00 h

sem marcação prévia

ciclo de conferências

Quintas ao fim da tarde

Realismo e modernidade – Pedro Lapa

13 de Janeiro – 18.30 h

Pintura decorativa – Foteini Viachou

20 de Janeiro – 18.30 h

Columbano e a crítica – Margarida Elias

DOSSIER DE IMPRENSA

27 de Janeiro – 18.30 h

Análise laboratorial das pinturas de Columbano – Mercês Lorena/ António Candeias
3 de Fevereiro – 18.30 h

Este nariz não é meu! O retrato fotográfico no século XIX – Emília Tavares
17 de Fevereiro – 18.30 h

Literatura e pintura em Columbano – Paula Morão
3 de Março – 18.30 h

Auto-representação – Rui Afonso dos Santos
17 de Março – 18.30 h

O Intimismo – Maria de Aires Silveira
24 de Março – 18.30 h

Columbano Fora de Casa

A Pintura de História – Sandra Pimenta - Museu Militar
29 de Janeiro. Sábado. 15h00

Columbano e a República – José-Augusto França - Sala dos Passos Perdidos, Assembleia da República
26 de Fevereiro. Sábado. 15h00

Os Retratos dos Presidentes – Diogo Gaspar - Museu da Presidência da República
19 de Março. Sábado. 15h00

